

ROTEIRO DeLeitura versão completa***O menino-estrela e outros contos*** / Oscar Wilde

Tradução de Olga Savary

*Capa e ilustrações: Ana Lopes**Formato: 21x25,5**Nº de páginas: 48*

Indicação: 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental

Um dos maiores nomes da literatura de língua inglesa, Oscar Wilde tem suas histórias infantis consagradas como as melhores do mundo, junto a autores como Perrault, Andersen e os irmãos Grimm. Sua temática sensível muitas vezes é considerada triste, especialmente em se tratando de contos para as crianças. Porém, analisando melhor a trajetória do autor e sua obra, podemos entender melhor as mensagens de suas narrativas. São, de fato, contos marcantes, mas que falam sobretudo sobre o amor. Um amor descrito pela ótica de Wilde, que associa beleza à tentação, perigo e morte. Wilde nos fala sobre sentimentos, expõe o drama humano com uma sutileza tão particular que nos convida a uma análise detalhada para melhor desvendar seus mistérios.

O autor

Oscar Wilde nasceu em Dublin, Irlanda, a 16 de Outubro de 1854. Foi educado no Trinity College, Dublin e, mais tarde, em Oxford, onde foi influenciado pela doutrina da “arte pela arte” (concepção artística que recusa o engajamento do escritor). Seu pai era médico e literato; sua mãe, poeta e jornalista. Ainda criança, Wilde já demonstrava um temperamento diferente. Amava a solidão, detestava os exercícios físicos, lia os clássicos gregos e poesia.

Poeta, romancista, comediógrafo e conferencista, Wilde é considerado o mais importante escritor da época vitoriana, período em que gozou de grande reputação. Paradigma do *dandy*¹,

¹ *Dandy* (**dândi**, em português) homem de bom gosto e apurado senso estético que não necessariamente pertencia à nobreza. Cavalheiro perfeito, cultua a estética e a beleza. Pensador que ocupa seu tempo com atividades lúdicas e ociosas. É um dissidente do vulgar, transgressor de modelos de comportamento.



porta-voz do esteticismo e protagonista de escândalos, em 1884, Wilde casou com Constance Lloyd e nos anos seguintes publicou, em Londres, dentre outros trabalhos, *O Retrato de Dorian Gray*, seu único e aclamado romance. Wilde, na época, notabilizou-se como dramaturgo.

Sua obra é tida como uma literatura urbana, crítica da massificação e decadência da sociedade do final do século XIX. Wilde sofreu o preconceito e a discriminação por sua opção sexual. Depois de residir na Itália, fixou residência em Paris onde, sob o nome de Sebastian Melmoth, viveu modestamente até a sua morte, em 30 de novembro de 1900.

O contexto

A **Era Vitoriana** foi o período do reinado da Rainha Vitória, em meados do século XIX (06/1837 a 01/1901), no Reino Unido. Período de prosperidade para o povo britânico que marcou a consolidação da Revolução Industrial.

Alguns estudiosos citam a época da aprovação do Ato de Reforma de 1832, como a marca do verdadeiro início de uma nova era cultural. A segunda metade da Era Vitoriana coincidiu com a primeira parte da chamada Belle Époque. Ao final do século, as políticas liberais geraram importantes reformas políticas.

Os contos maravilhosos

Contextualizar o clima da sociedade em que nasceram os contos maravilhosos de Wilde não explica por que eles continuam populares, mas nos leva a observar as diferenças culturais que nos separam e a tentar justificar essa *“identificação não datada”*. Segundo D. e M. Corso, considerar os aspectos históricos não substitui a necessidade de apreciar as possíveis evocações inconscientes despertadas pelo conto, que são as verdadeiras responsáveis por sua permanência. Segundo eles, *“seu uso, hoje, é psicológico”*, o que nos incentiva a buscar uma interpretação textual seguindo esta linha teórica que permite um interessante mergulho na simbologia que os contos transmitem.

Ensinam Diana e Mario Corso: *“As narrativas populares européias, matrizes dos modernos contos infantis que, a partir das adaptações feitas no século XIX passaram a integrar a rica mitologia universal, não apresentavam a riqueza simbólica que faz dos contos de fadas um depósito de significações inconscientes aberto à interpretação psicanalítica. Na verdade, eles nem eram destinados especificamente às crianças, nem parecem aliados a uma pedagogia iluminista”*.

Também escreve Robert Darnton: *“Longe de ocultar sua mensagem com símbolos, os contadores de histórias do século XVIII na França, retratavam um mundo de brutalidade nua e crua”*.

Portanto, sabe-se que os contos foram se transformando e se adaptando através dos tempos, carregando características outras que as contidas em sua forma original, mas, o que nos interessa aqui é, particularmente: o século XIX, a simbologia e, sobretudo, a narrativa especial de O. Wilde dirigida ao público infantil ou ao que se preserva infantil em leitores de qualquer idade.

Vale lembrar aqui que é no século XIX que surge a “invenção” da infância, quando a criança passa a ser reconhecida como sujeito, um sujeito de uma “*subjetividade diferenciada da dos adultos*” (D. e M. Corso).

A literatura traz, dentro deste espírito maravilhoso, sentimentos, sensações, impressões com as quais as crianças universalmente se identificam, dentre eles, o medo. Lida com o mistério e a curiosidade diante do desconhecido. Através da leitura, vibramos com as dificuldades dos personagens, fugimos de monstros perversos ao mesmo tempo em que, encantados, não conseguimos nos afastar deles antes de saber o que vai acontecer no final.

À literatura maravilhosa amplia nossos limites: queremos mais. Lendo e ouvindo histórias maravilhosas vamos, aos poucos, aprendendo a lidar com algumas de nossas maiores emoções. Eu não sou o outro, mas o entendo e, através da sua história, aprendo a lidar com meus próprios conflitos.

Não à toa, a psicanálise tem importantes estudos baseados neste universo, sendo um de seus expoentes Bruno Bettlheim, com seu livro: *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. Os estudos são extensos e só podemos aqui fazer um mínimo recorte, partindo do fato de estarmos trabalhando com o maravilhoso, aquele tipo de narrativa que acontece numa dimensão maior, sem fronteiras, sem lógica ou total coerência, já que é o elemento mágico que o conduz.

Esta é a areia sobre a qual nos moveremos a partir da ótica do autor, lembrando o que ensina Umberto Eco sobre haver um limite de interpretação, dentre as possibilidades oferecidas ao leitor. Limite contido no texto e que deve ser respeitado. Ou seja, ainda que o sentido de um texto não seja único, ele também não é aleatório, muito menos pode ser inventado.

Caminhos de interpretação

Em quase todos os contos de fadas existe um percurso de sofrimento e de provas que o herói deve enfrentar e, contando ou não com ajuda de elementos mágicos, superar. Percurso que Wilde percorre com maestria, nos envolvendo na leitura até descobrirmos o inusitado, nem sempre sutil ou delicado.

Inspirados no imaginário e nas narrativas tradicionais dos contos maravilhosos, os contos trazem em si mensagens cifradas sobre condutas e sentimentos humanos, bem como sobre a sociedade, com tons críticos mais ou menos acentuados. Mas o herói, ainda que falhe, via de regra, ao final se redime.

Explorando o universo fantástico, Wilde fala sobre o Amor, as relações, as sensações (tristeza, dor, solidão) lidando com um simbolismo que envolve o leitor, além de encantá-lo com parábolas morais fácil e naturalmente detectadas pelo leitor. A breve análise aqui apresentada pretende oferecer ao professor ou ao leitor interessado no estudo elementos e ferramentas para maior exploração da leitura. O grau de interpretação textual, percepção e compreensão da carga simbólica se dará em função da capacidade cognitiva do leitor, sua idade, repertório, bem como dos objetivos a serem explorados em sala de aula.



Breve análise

1 – O menino-estrela

*Sinopse e Simbologia*²:

Dois lenhadores voltam do trabalho para casa, numa noite fria de inverno. Na floresta coberta pela neve, os homens lamentam seus destinos, quando vêem uma estrela cadente. Encantados e esperançosos de encontrar um pote de ouro, os homens se aproximam do salgueiro onde a estrela parece ter caído, mas se deparam com uma criança envolta num manto dourado, enfeitado com estrelas. Um deles leva a criança para casa, onde ela cresce: um menino-estrela vaidoso e cruel que, ao conhecer sua verdadeira e humilde mãe, a renega. Ao rejeitar a mãe, o menino adquire uma aparência horripilante. Arrependido, ele sai pelo mundo em busca da mãe e do perdão, percorrendo um difícil caminho. Serão muitos os desafios e grande o sofrimento até que ele encontre a Rainha e o Rei que lhes oferecem um reino.

Estrela – Fonte de luz, qualidade de luminar. Seu caráter celeste faz com que ela simbolize o conflito entre as forças espirituais (luz) e as forças materiais (trevas). Transpassam a obscuridade: são faróis projetados na noite do inconsciente. Estão entre os fenômenos cósmicos extraordinários que precederam o nascimento de quase todos os chamados filhos de Deus.

Manto – Faz parte dos atributos dos deuses da Irlanda. Símbolo das metamorfoses, por efeito de artifícios humanos e das personalidades que um homem pode assumir. Por via de identificação, é o símbolo daquele que o veste. Entregar seu manto é dar-se a si mesmo. Vestir o manto é sinal da escolha da Sabedoria (o manto do filósofo). É também assumir uma dignidade, uma função, um papel, de que a capa ou o manto é emblema.

Ouro (dourado) – Identificação com a luz. Evoca o Sol e toda a sua simbólica fecundidade-riqueza-dominação, centro de calor-amor-dom, foco de luz-conhecimento-brilho, segundo a tradição grega.

Salgueiro – No Ocidente, relaciona-se à morte e ao sentimento de tristeza. No Oriente, símbolo de imortalidade, árvore central, árvore da vida.

Em *O menino-estrela* fica evidente a trajetória de duras provas percorrida pelo herói dos contos maravilhosos: passar por provações antes de triunfar, aprender, ser aceito e aclamado pelos homens, tal como ocorre com este belo menino. Belo, mas interesseiro e cruel, como a dizer que a beleza, desprovida de valores, é perigosa e de nada vale.

Além de belo, o menino tem um manto (que lhe dá poder e o identifica); que é dourado (associado a conhecimento e luz); e que é exclusivo (não pode ser doado), como bem reconhece o lenhador: *o manto não é meu, nem teu, mas do menino e apenas dele.*

² Vide Dicionário de Símbolos, CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT.

E é depois de muito sofrimento e sacrifício que o arrogante menino se faz humilde e sábio. Dono de um reino, o herói se torna um homem justo como um verdadeiro filho de deus nascido de uma estrela. E sendo a estrela símbolo dos conflitos entre a luz e as trevas, não poderia ser diferente seu destino.

O conto é emblemático e, ao mesmo tempo, sutil e comovente. Envolve o leitor que, naturalmente, compreende sua essência. Enriquecendo o trabalho de leitura, dá margem a discussão de importantes temas como: preconceito, prejulgamento, diferenças individuais, orgulho, respeito mútuo, dentre outros.

2 – O rouxinol e a rosa

Sinopse e Simbologia:

“Ela disse que dançaria comigo se eu lhe levasse rosas vermelhas – lastimou-se o estudante –, mas em todo o meu jardim não há uma única rosa vermelha”.

Assim começa *O Rouxinol e a Rosa*: com o desabafo de um jovem apaixonado. Desabafo que o Rouxinol ouve e com o qual se sensibiliza a ponto de não mais descansar até conseguir uma rosa vermelha e verdadeiramente bela, assim como julga ser o jovem, um verdadeiro apaixonado. O baile será na noite seguinte e é curto o tempo para o Rouxinol conseguir seu intento. No bosque, ele pede às roseiras que lhe entreguem uma flor, mas descobre que só existe uma possibilidade: criar uma rosa vermelha cantando ao luar, e preenchendo a flor com o sangue de seu próprio coração. Seria a Morte um preço justo para uma rosa vermelha e para o Amor?

Rouxinol – Universalmente famoso pela perfeição do seu canto. Na obra *Romeu e Julieta*, se os dois amantes ouvem o rouxinol, permanecem unidos, mas expõem-se à morte. Para os poetas, cantor do amor que mostra, de modo impressionante, o íntimo laço entre o amor e a morte.

Rosa – Famosa por sua beleza, forma e perfume é a flor simbólica mais empregada no Ocidente. Simboliza a taça da vida, a alma, o coração, o amor, mais ainda: do dom do amor, do amor puro.

Esta fábula fala sobre o amor sem limites, o amor capaz de sacrifício e doação. No caso, doação da própria vida. Amor que se manifesta no Rouxinol (símbolo de amor e morte), mas que não existe no coração da jovem (interessada em um rapaz rico), nem mesmo no coração do rapaz (supostamente apaixonado). Diante da indiferença da jovem (seu primeiro obstáculo), o rapaz se revela prático e volta para o estudo e para os livros. Mas o pássaro, em consideração pelo jovem que supõe apaixonado e em nome do Amor maior, tinge uma rosa (a taça da vida), com seu próprio sangue, sua própria vida. Doa Vida, para salvar o Amor. Que valor não teria, então, esta rosa vermelha, ao final, tristemente, na valeta destruída?

Morre em vão o pobre Rouxinol. Vence a Lógica, perde o Amor. Ou seria diferente?

O texto, rico em metáforas, leva o leitor para além da narrativa e da simbologia, gerando interessantes questionamentos sobre valores como amor, justiça, igualdade e solidariedade.



3 – O gigante egoísta

Sinopse e Simbologia:

Depois que voltavam da escola, as crianças brincavam, animadas, no jardim do Gigante. Sentiam-se livres e felizes, até o dia em que o Gigante retornou de uma longa viagem. Inconformado com a invasão, ele não só proibiu a visita das crianças, mas construiu um muro enorme para que ninguém mais se divertisse em sua propriedade. Era um Gigante egoísta que, com sua atitude, fez com que um longo e triste Inverno habitasse seu jardim. Não havia mais Verão, Outono ou Primavera. Não havia mais o som das crianças, a antiga alegria que ali reinava... Só o Vento rugia, só a Tempestade imperava, num cenário cinzento e frio. Mas, certa manhã, o Gigante acordou com uma música maravilhosa e sentiu um doce perfume a entrar pela janela...

Gigante – Predominância das forças saídas da terra por seu gigantismo material e indigência espiritual. Para derrotá-los é preciso que se conjuguem golpes de um deus e de um homem.

Jardim – Símbolo do paraíso terrestre, do Cosmo de que ele é o centro, do Paraíso celeste, de que é a representação, dos estados espirituais, que correspondem às vivências paradisíacas.

Árvore – Um dos temas simbólicos mais ricos, representa a vida em perpétua evolução, em ascensão ao céu. Aspecto cíclico da evolução cósmica; relação entre o céu (galhos) e a terra (raízes).

Crianças – símbolo da inocência.

Muro, muralha – Cinta protetora que encerra um mundo e evita que nele penetrem influências nefastas de origem inferior. Tem o inconveniente de limitar o domínio que encerra, mas a vantagem de assegurar sua defesa, deixando, além disso, o caminho aberto à recepção da influência celeste.

Aqui, o autor, mais uma vez, nos fala sobre o Amor: incondicional, generoso e verdadeiro, capaz de doação e partilha, sem o quê não há luz em nossas vidas. O Sol e a Primavera voltam a reinar quando o Gigante se rende à fragilidade do pequeno menino (o menino Jesus) que atua aqui como adjuvante positivo aos excessos do Gigante. As crianças são impedidas de entrar, como influências nefastas, porém, sendo o muro “caminho aberto à recepção da influência celeste” atrai uma criança frágil (agora vista como influência positiva) que o Gigante não apenas acolhe, protege, mas a ela se afeiçoa.

O contraponto entre a fragilidade do menino e a força do Gigante permite que se discuta a relatividade das coisas (forte-fraco), a questão das aparências, da dominação do mais forte, da consequência das ações humanas. O Gigante, a princípio egoísta, ao permitir que as crianças brinquem em seu jardim (o paraíso na Terra), recebe a recompensa de ser levado ao verdadeiro Paraíso.

Atividades sugeridas:

Para um bom aproveitamento de todos os recursos do livro, seguem algumas sugestões de trabalho que podem e devem ser livremente adaptadas, segundo o nível dos alunos e dos objetivos propostos:

Atividade pré-leitura:

Iniciar uma reflexão sobre a época e os costumes fazendo um reconhecimento do autor e suas obras e uma breve contextualização geográfica e histórica.

• A leitura propriamente dita:

Apropriação do texto (inclusão no repertório do aluno).

1 – Individualmente ou em conjunto, fazer a leitura de cada conto.

2 – Após, direcionar com a classe o reconhecimento do texto, buscando definir:

O que acontece? (enredo); Com quem? (personagens); Como e por que? (o modo como acontece e o motivo); Onde? (local onde os fatos acontecem); Quando? (tempo em que os fatos acontecem)

3 – Reconstrução oral da história.

4 – Esclarecimento de dúvidas.

Interpretação e Desenvolvimento de competências*Linguística*

- Em grupos, discussão e anotação dos alunos sobre o que eles consideram ser o ponto alto do conto; Identificar o conflito principal e a solução positiva/negativa do enredo e a principal mensagem.
- Troca destas primeiras anotações entre grupos para leitura em voz alta, avaliação, discussão e consenso.

Visual

- organizar um mural com fotos ilustrativas dos ambientes e das condições climáticas mencionadas no texto, criando um cenário para o conto.

Atividades relacionadas - Intertextualidade**MÚSICA**

O Rouxinol e a Rosa - Os Paralamas do Sucesso – **vide Anexo 1**

Trabalhar com letra e música de maneira livre, a critério do professor, associando-a ao conto.

LITERATURA/TEATRO:

Romeu e Julieta, por Olavo Bilac (Ato III, cena V) – **vide Anexo 2**

Trabalhar com a tradução de Olavo Bilac, associando-a ao conto O Rouxinol e a Rosa e, eventualmente, dramatizando um ou ambos os textos.

ATIVIDADE LÚDICA:

Jogo Certo x Errado x Poderia ser... - (indicada para alunos mais novos)

Objetivo

- Interpretar a história com auxílio de brincadeira.

Roteiro

- O professor dispõe num centro cartões voltados para baixo, ocultando seu conteúdo. Os cartões conterão passagens fiéis ou não à história original. Em uma ordem pré-determinada, um primeiro grupo vira um dos cartões e diz se a passagem é verdadeira ou falsa. O grupo seguinte julgará o resultado, atribuindo pontos em caso de acerto. Os grupos seguintes repetem o procedimento até que terminem os cartões e, por pontuação, se defina o vencedor.
- Numa segunda etapa, o professor entrega a cada grupo um cartão com os dizeres: PODERIA SER e poucas linhas para serem preenchidas com um final diferente para a história. Os cartões serão trocados entre os grupos e lidos em voz alta. Pode-se, ao final, fazer a escolha do texto mais criativo, através de votação individual ou por grupos, que defina o vencedor.

Bibliografia

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BONAVENTURE, Jette. O que conta o conto? São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

CORSO, Diana Lichtenstein e Mário. Fadas no Divã. Porto Alegre: Artmed Editora, 2006.

GOTLIB, Nadia Batella. Teoria do conto. São Paulo: Ática, 2000.

PRIETO, Heloisa. Quer ouvir uma história? – Lendas e Mitos no mundo da criança. São Paulo: Editora Angra, 1999.

PROPP, Vladimir I. Morfologia do conto maravilhoso. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1984.

ROTEIRO Deleitura elaborado pela socióloga e escritora *Sonia Salerno Forjaz*; Bacharel em Ciências Sociais pela FFLCH/USP; Licenciada pela FE/USP; Especialista em Português, Língua e Literatura pela UMESP; autora de literatura infantojuvenil.

Anexo 1 – O Rouxinol e a Rosa – Os Paralamas do Sucesso

Sob o céu frio e cinza
Um impasse e poucas opções
Não há rosas no jardim
E há tempos não se ouvem os rouxinóis.

Se eu soubesse amar, eu cravaria
um espinho em meu pobre coração
Vermelha então seria a rosa
E entre todas brilharia como o sol

Mas por um instante eu duvidei
E o sangue então se derramou em vão
Morreu por nada o rouxinol
E a rosa não chegou às tuas mãos.

Sob o céu frio e cinza
Um impasse e poucas opções
Não há rosas no jardim
E há tempos não se ouvem os rouxinóis...

Anexo 2 – Romeu e Julieta, por Olavo Bilac (Ato III, cena V)

JULIETA: Por que partir tão cedo? inda vem longe o dia...

Ouves? é o rouxinol. Não é da cotovia

Esta encantada voz. Repara, meu amor:

Quem canta é o rouxinol na romãzeira em flor.

Toda a noite essa voz, que te feriu o ouvido,

Povoa a solidão como um longo gemido.

Abracemo-nos! fica! inda vem longe o sol!

Não canta a cotovia: é a voz do rouxinol!

ROMEU: É a voz da cotovia anunciando a aurora!

Vês? há um leve tremor pelo horizonte afora.

Das nuvens do levante abre-se o argênteo véu,

E apagam-se de todo as limpadas do céu.

Já sobre o cimo azul das serras nebulosas,

Hesitante, a manhã coroada de rosas

Agita os leves pés, e fica a palpitar

Sobre as asas de luz, como quem quer voar.

Olha! mais um momento, um rápido momento,

E o dia sorrirá por todo o firmamento!

Adeus! devo partir! partir para viver...

Ou ficar a teus pés para a teus pés morrer!

JULIETA: Não é o dia! O espaço inda se estende, cheio

Da noite caridosa. Exala do ígneo seio

O sol, piedoso e bom, este vivo dano

Sé para te guiar por entre a cerração.

Fica um minuto mais! por que partir tão cedo?

ROMEU: Mandas? não partirei! esperarei sem medo

Que a morte, com a manhã, venha encontrar-me aqui!

Sucumbirei feliz, sucumbindo por ti!

Mandas? não partirei! queres? direi contigo

Que é mentira o que vejo e mentira o que digo!

Sim! tens razão! não é da cotovia a voz

Este encantado som que erra em torno de nós!

É um reflexo da lua a claridade estranha

Que aponta no horizonte acima da montanha!

Fico para te ver, fico para te ouvir,

Fico para te amar, morro por não partir!

Mandas? não partirei! cumpra-se a minha sorte!

Julieta assim o quis: bem-vinda seja a morte!

Meu amor, meu amor! olha-me assim! assim!

JULIETA: Não! é o dia! é a manhã! Parte! fuge de mim!

Parte! apressa-te! fuge! A cotovia canta

E do nascente em fogo o dia se levanta

Ah! reconheço enfim estas notas fatais!

O dia! ... a luz do sol cresce de mais em mais

Sobre a noite nupcial do amor e da loucura!

ROMEU: Cresce... E cresce com ela a nossa desventura!